

Meus pupilos,

Em 2 de fevereiro deste ano, completei 15 anos de formado em Direito, e na noite de hoje – na condição de paraninfo desta turma de formandos – sou tomado por um estranho sentimento de conforto, e ao mesmo tempo, de constrangimento que quero compartilhar com vocês.

O sentimento de conforto é o de estar a meia distância entre a maioria de vocês e seus pais, de poder dar a vocês algumas lições que a vida me deu ao longo de 37 anos, conselhos que talvez seus pais não tenham coragem de lhes dar, mas eu, como seu professor, amigo e paraninfo, tenho a audácia e o dever moral de fazê-lo.

Os principais conselhos que lhes dou é o de que a vida passa muito rápido; de que não podemos nos dar ao luxo de deixar passar as oportunidades e de partir atrás daquilo que gostamos, daquilo que verdadeiramente nos realiza; de que a vida é muito curta para não correr atrás dos nossos próprios sonhos (e não dos sonhos dos nossos pais); de que a vida é muito curta para se contentar com o mediano, com o medíocre, com o que é estável; e, finalmente, de que a vida é muito curta para se conformar.

Nada como um bom exemplo para ilustrar esses meus conselhos, qual costumava fazer em sala de aula.

Dou-lhes três.

O primeiro, de um rapaz de 16 anos de idade e que ainda sonha em ser presidente do Brasil. Um garoto que é convocado para a seleção brasileira infanto-juvenil de vôlei. Porém, a data de apresentação à seleção coincide com primeiro dia de vestibular – num tempo que em a concorrência é de 16 candidatos por vaga em Direito.

Durante uma das noites mais importantes e terríveis de sua vida, ele tem que decidir entre prestar o vestibular – para o qual vem estudando desde o primeiro ano do segundo grau – e se apresentar à seleção brasileira de vôlei.

Ele então opta pela faculdade.

Vinte anos depois, ele ainda se pegará pensando, com uma pitada de arrependimento, em como teria sido sua vida se tivesse ousado trocar a aprovação praticamente certa no vestibular pelo desafio de tentar se transformar em um atleta profissional e, quem sabe, disputar uma olimpíada.

O segundo exemplo é um jovem recém-formado passar no concurso público para o cargo de comissário da infância e juventude. Aos 22 anos de idade, ele já atingiu a tão sonhada estabilidade profissional e recebe, algo em torno de R\$ 11.000,00 mensais.

Depois de dois anos de uma vida sem sentido, ele decide finalmente pedir exoneração do cargo para arriscar seu destino como advogado e, logo em seguida, também como professor universitário.

Hoje ele é imensamente realizado e todos as manhãs, desde então, ele acorda e se felicita por aquela ousada decisão.

O terceiro e último exemplo seria de um homem, pai de família, que está em casa, cuidando sozinho de seus dois filhos, quando um silêncio estranho vem da cozinha (e só quem tem filhos sabe que silêncio é sinal de que alguém está aprontando). O pai vai até lá e vê seu filho caçula, de apenas 1 ano de idade, na ponta dos pés sobre uma caixa de brinquedos colocada sobre uma cadeira, se esticando para alcançar um pote de bolachas.

O homem então fica paralisado de medo ao ver seu filho se arriscando para conseguir aquilo que ele quer. É terrível a decisão de se esconder para que o filho não o veja e torcer para que ele conseguisse pegar o pote de uma vez por todas, de preferência sem quebrar nenhum braço.

O que querem que vocês entendam – e para isso, peço licença aos seus pais para falar diretamente para vocês, formandos – é que devemos definir o que nos é verdadeiramente importante (e não a eles), e, a partir daí, não descansarmos enquanto não conseguir o que queremos.

Se o que importa para você é prestar concurso público – se ser promotor de justiça, juiz ou delegado é tão importante para você quanto respirar – então mergulhe no estudo, com foco e dedicação, e não pare até conseguir a aprovação...

... mas, principalmente, depois que conseguir ingressar na carreira, seja o melhor promotor, juiz, escrivão ou delegado que puder ser, para honrar sua vocação.

Mas, por favor, eu lhes suplico: não invistam os melhores anos de sua juventude lutando por um cargo público apenas porque assim você terá *status*, estabilidade e um salário fixo no final do mês.

Não ouçam seus pais, se para eles estabilidade e segurança é o que importa.

Se, porém, o que importa para você é ser advogado ou advogada, então estude muito, prepare-se, aperfeiçoe-se, dedique-se, envolva-se. Seja o melhor advogado que puder ser.

Já se para você o que importa é ser professor... ah, então seja o melhor professor do mundo. Dê, todos os dias, a melhor aula de suas vidas. Embriaguem-se com o sucesso dos seus alunos como eu me embriaguei ao ver o nome da maioria de vocês na lista de aprovados no Exame de Ordem.

Esta mesma regra vale se você quiser ser escritor, ator, político, policial...

Afinal, como ensinava meu treinador de voleibol, o saudoso professor Artur José Novaes, “tudo que merece ser feito, merece ser bem feito!”.

E a vida, meus caros formandos, é o que acontece além da zona de conforto, onde as coisas são bem feitas.

Advirto-lhes, porém, que é bastante provável que vocês falhem, que fracassem, que venham a falir.

É bem possível que tenham que voltar para a casa dos pais e encará-los com suas caras de “eu bem que te avisei”.

Então vocês devem abraçá-los bem apertado, olhá-los bem nos olhos, sorrir-lhes e lhes agradecerem, porque eles não querem nada mais além do seu bem, da sua felicidade. Estejam certos que nós pais daríamos nossas próprias vidas para evitar cada frustração de vocês, que abriríamos mão do sono para acalentar o pranto de vocês, que empenharíamos a alma para privar-lhes de toda e qualquer dor.

Mas, ainda assim, não escutem seus pais.

Mesmo que vocês falhem 2, 3 vezes, ainda assim não desistam.

Existe uma frase tão linda, tão forte e tão verdadeira que deveria ser transcrita na geladeira da casa de vocês, ao lado do artigo 282 do velho Código de Processo Civil, para sempre que fossem beber água, vocês se deparassem com ela.

É uma frase do presidente norte americano Teddy Roosevelt que diz ser “muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota.”

Vocês então se erguerão e arriscarão coisas grandiosas, para alcançar triunfos e glórias com bravura, coragem e determinação.

Mas muitos lhes dirão que não vale a pena tamanha dedicação...

Muitos lhes recomendarão descanso... dirão para que relaxem... que deixem a vida lhes levar...

Muitos lhes dirão que vocês são sonhadores, idealistas, que o que vocês querem é impossível.

Não os ouçam.

Apenas fechem os olhos, respirem fundo, e tentem lembrar destas palavras que vou lhes repetir calma e pausadamente:

- a vida passa muito rápido;

- não podemos nos dar ao luxo de deixar passar as oportunidades e de partir atrás daquilo que gostamos, daquilo que verdadeiramente nos realiza.

- a vida é muito curta para não correr atrás dos nossos próprios sonhos.

- a vida é muito curta para se contentar com o mediano, com o medíocre.

- a vida é muito curta para se conformar.

Façam isso e vocês estarão livres do inferno, cuja melhor definição, para mim, é a de quando, no dia de sua morte, você se encontra com a pessoa que você poderia ter sido, a pessoa que realizou os sonhos que você poderia ter realizado, a pessoa que alcançou as coisas que você poderia ter alcançado.

Já o constrangimento que sinto na noite de hoje decorre de um trecho de meu discurso de formatura, que tive a curiosidade de reler depois de 15 anos, após receber o convite para ser paraninfo desta turma que me é tão especial.

Um discurso escrito em fevereiro de 2001, quando pouco ou nada se falava em mudanças climáticas, aquecimento global, ataques terroristas, zica vírus ou tríplex no Guarujá.

Um discurso que era cheio de esperança no futuro porque em 2001, achávamos que se um dia sediássemos a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, restar-nos-ia legados de infraestrutura espetaculares e não apenas contas bilionárias para pagar...

Quando se imaginava que um dia milhões de brasileiros se reuniriam nas ruas para reivindicar reformas, pensava-se na Revolução Francesa e em suas guilhotinas...

Imaginava-se que se um dia finalmente o “gigante acordasse”, os políticos corruptos se sentiriam verdadeiramente ameaçados e fugiriam escorraçados, dando vez a um novo mundo, a um novo sistema.

Sim, eram tempos mais simples, quando não existia GPS, Facebook, Snapchat, Periscope, youtube, Wikipédia nem drones...

Época em que era possível viver sem aparelho celular e sem internet. Aliás, poucos eram os tribunais que dispunham de site.

Não existia o Google!

Pesquisas jurisprudenciais eram feitas em centenas de livros dos tribunais que chegavam todos os meses para encher as prateleiras e entupir as bibliotecas. O Diário de Justiça era físico e tinha que ser lido, cada uma de suas centenas de folhas, todos os dias, para não perdemos um prazo.

Há 15 anos, casamento homoafetivo, Lei Maria da Penha, Lei de Responsabilidade Fiscal, adoção por pais do mesmo sexo, alimentos transgênicos eram temas para discussões puramente teóricas, retóricas, nas salas de aula das faculdades de Direito...

Época em que a China era apenas um país comunista, populoso e misterioso, em que tínhamos certeza de que a maturidade da democracia norte-americana jamais daria ouvidos para lunáticos como Donald Trump.

Nossa dívida externa era impagável, a Petrobrás era uma multinacional que nos enchia de entusiasmo e temia-se novo golpe militar se um partido de esquerda assumisse o poder no Brasil.

Minha turma de faculdade tinha certeza que palavras como *impeachment* e inflação ficariam definitivamente no passado, que seriam relegadas aos livros de história e que jamais voltariam a circular em jornais, rádios e nas ruas.

Naquele meu discurso, lido na noite de 1.º de fevereiro de 2001, fiz uma convocação aos meus pares bacharéis em Direito para arregaçarmos as mangas e reconstruir o Brasil.

Hoje, porém, tomado de constrangimento eu percebo que minha geração está falhando, e humildemente lhes peço desculpas, meus queridos formandos.

Apesar das tantas mudanças e novidades, a minha geração e a dos seus pais está longe de conseguir vencer a pobreza, a desigualdade social, a corrupção e a ignorância!

Porque se muita coisa mudou nos últimos 15 anos, outras pouco ou nada avançaram há décadas: politicagem rampeira, dinheiro na cueca ou na Suíça, ferra-do-boi, exploração sexual infantil, violência nos estádios, violência nas escolas, violência nas estradas, a BR 470 não duplicada, racismo nos elevadores, racismos nas esquinas... notícias velhas e capa do Santa na próxima segunda-feira...

A maioria das pessoas da minha geração infelizmente ainda se contenta com uma realidade medíocre, com um governo medíocre, com perspectivas de futuro medíocres.

A maioria das pessoas da minha geração está criando seus filhos para passarem em concurso público porque não acreditam mais no futuro do país.

A maioria das pessoas da minha geração ainda se contenta em ir para Miami ou Paris uma vez por ano e viver, ainda que por uma mísera semana, o sonho de estar num lugar onde as coisas aparentam funcionar.

Preferem mudar de país porque não acreditam mais que podem mudar o país.

Talvez iludida pela calma política e econômica da segunda metade dos anos 1990, minha geração não percebeu que crises e oportunidades nos baterão à porta dia e noite, e compete a nós estarmos preparados para saber distingui-las – porque elas costumam vir misturadas, camufladas!

É preciso sobrepujar as crises – e estejam certos que elas virão, cada vez mais fortes!

É preciso suportar as catástrofes – e podem ter certeza que elas virão, cada vez mais fortes!

Mas também é preciso aproveitar todas as oportunidades!

Estamos aprendendo, à força, que como nação devemos demonstrar FORÇA e CORAGEM para vencer a incompetência, o descaso e o populismo!

Mas não cabe a mim apenas o papel de Profeta do Apocalipse! Pelo contrário! Na condição de paraninfo, cumpre-me adoçar-lhes a noite, o evento, a formatura.

Devo apontar-lhes e lançar-lhes ao futuro, o deus faminto que os aguardará, estejam vocês onde estiverem, na próxima segunda-feira, às 8 horas da manhã, quando as portas das oportunidades se abrirão aos mais ousados e aos mais eficazes.

Por isso, termino esta última aula, adaptando o famoso testamento deixado pelos compositores Edson Conceição e Aloísio Silva, e lhes fazendo uma derradeira súplica: “antes de me despedir, deixo aos sambistas mais novos o meu pedido final: não deixem o sonho morrer, não deixem o sonho acabar, a vida é feita de sonhos, de sonhos pra gente lutar”... de sonhos pra gente brigar... de sonhos pra gente se armar.

Não nos acovardemos. Tenhamos fé e esperança. Sejam audaciosos. Sejam fortes, porque temos um país em ruínas para reconstruir, um país para reerguer.

Daí porque eu os convoco e os desafio, meus queridos pupilos, formandos em Direito da FURB, para me ajudar **A PÔR O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO.**

Queridos formandos,

Prezados pais e amigos,

Autoridades da já citadas,

Excelentíssimo Senhor Diretor do Centro de Ciências Jurídicas,
Professor Antonio Carlos Marchiori,

Magnífico Reitor da Universidade Regional de Blumenau, Prof. João Natel Pollonio Machado,

Muito obrigado.

FERNANDO HENRIQUE BECKER SILVA, paraninfo